



Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

16 19:23

Literatura



Martins Pena
Os três médicos



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

Os três médicos

Martins Pena

Atualização ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

Peça escrita no ano de 1844.

Livro Digital nº 855 - 1ª Edição - São Paulo, 2017.

Teatro - Literatura Brasileira.

Luís Carlos Martins Pena

(1815 - 1848)



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem quaisquer critérios. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

OS TRÊS MÉDICOS



PERSONAGENS:

MARCOS (tenente de marinha)

ROSINHA (filha de Marcos)

MIGUEL (idem)

LINO DAS MERCÊS (velho)

DR. MILÉSSIMO (médico homeopata)

DR. CAUTÉRIO (médico alopata)

DR. AQUOSO (médico hidropata)

Um criado.

A cena se passa no Rio de Janeiro, no ano de 1845.

CENA I

Sala em casa de Marcos. Porta no fundo e à direita; mesa e cadeira.

(Marcos, sentado junto à mesa, e a seu lado Rosinha e Miguel. Marcos mostra no semblante abatimento)

MARCOS

Meus filhos, pouco tempo poderei viver. As forças abandonam-me. Tenho o pressentimento que minha morte bem próximo está...

ROSINHA

Meu pai, não desanime! Espero em Deus que esta sua moléstia será passageira.

MARCOS

Passageira? Quando a vida assim se desorganiza é inevitável o seu fim.

MIGUEL

Esse temor é que pode tornar a moléstia grave, quando talvez seja ela ligeira, e em grande parte devida aos anos.

MARCOS

Devida aos anos é ela, mas não como pensas... Os anos a têm exacerbado. Deus o sabe como!

ROSINHA

Mas os médicos...

MARCOS

Que pode a medicina em moléstia como a minha? Aos médicos não torno a culpa, que fazem eles o que aprenderam, e o que podem. A ciência é muitas vezes ineficaz.

MIGUEL

Se meu pai consultasse a outro médico...

MARCOS

A outro? Que mais queres que eu faça? São poucos os que aqui têm vindo? O meu médico assistente, o Dr. Cautério, é homem de reputação bem adquirida.

MIGUEL

Não contesto. Antigo, rotineiro e feliz muitas vezes, mas se meu pai não tem colhido vantagem com seu tratamento, para que não chama, por exemplo, um médico homeopata?

ROSINHA

Assim é.

MARCOS

Não creio na homeopatia.

MIGUEL

Se a não conhece! Peço-lhe um favor: um de meus verdadeiros amigos é o Dr. Miléssimo. Há pouco que chegou de Paris, aonde estudou com muita aplicação a homeopatia. Permita que venha ele fazer-lhe uma visita.

MARCOS

Debalde! Nada espero...

MANUEL

O que lhe custa? Deixe-o vir; talvez tire-se proveito.

ROSINHA

Eu estou persuadida que ele será capaz de o por bom.

MARCOS

Pois bem, que venha. Não quero que se queixem de mim. Ouvi-lo-ei; pouco me custa.

ROSINHA

Já eu creio vê-lo restabelecido e passeando alegre por esta sala.

MARCOS

Alegre!... (*Levanta-se*) Escuta, Rosinha, falemos de ti, que és moça e que ainda podes viver longos anos — que isto por cá está velho e muito desarranjado. Quando eu morrer...

ROSINHA

Meu pai!

MIGUEL

Senhor!

MARCOS

Quando eu morrer, ficareis desamparados...

MIGUEL

Oh, enquanto eu viver, minha irmã...

MARCOS

És oficial de marinha; hoje estás aqui, amanhã ali... Precária proteção! De um marido precisa tua irmã — e este já escolhi.

MIGUEL

Quem é?

MARCOS

O meu amigo Lino das Mercês.

ROSINHA

Meu Deus!

MIGUEL

Ele?

MARCOS

É homem probo e honrado; tem a alma de um anjo. Far-te-á feliz. Isto posso eu dizer porque o conheço há muito tempo. Tenho-lhe estudado o carácter; andamos juntos na escola e desde esse tempo dura a nossa amizade.

MIGUEL

Marido tão velho!

ROSINHA (*à parte*)

Andaram juntos na escola!...

MARCOS

És um rapazola, Miguel e só por tua idade julgas capazes de tudo. Tu, minha Rosinha, tens mais juízo. Isto é um louco. Meu amigo Lino far-te-á feliz.

ROSINHA

Mas, meu pai, não desejo casar-me, e se...

MARCOS

Crê, filha, que à borda da sepultura ponho todo desvelo em fazer-te ditosa... Casar-te-ás com ele, e em breve, que assim de pede teu pai...

ROSINHA (*à parte*)

Não é possível, meu Deus!

MIGUEL (*à parte*)

Veremos como isto será...

CENA II

LINO (*entrando*)

Bom dia, amigo Marcos.

MARCOS

Oh, a propósito vens.

(*Lino: cumprimenta a Rosinha e a Miguel*)

LINO

Como se acha? Melhor? Vejo-o mais forte...

MARCOS

Aparências, amigo... Isto caminha mal. Rosinha, Miguel, deixem-me com o meu amigo Lino.

MIGUEL (*à parte, para Marcos*)

Meu pai, pense bem no que vai fazer.

MARCOS

Tenho resolvido.

CENA III

Marcos e Lino.

LINO

O que queres de mim?

MARCOS

Já lá se vão trinta anos que nos conhecemos! Amigos velhos! Não te bastava esse título, queres estreitá-lo mais.

LINO

Oh, tua filha é um anjinho. Faz-me muito feliz. E consente ela?

MARCOS

Consentirá, porque ama-me e respeita.

LINO

Oh, que contentamento! Que linda esposinha!

MARCOS

E é preciso apressarmos este negócio.

LINO

Quanto antes! Oh, que dia será para mim!

MARCOS

Quero deixar-lhe um amparo neste mundo que cedo deixarei...

LINO

Ora, deixa-te disso! Ainda viverás, e muito, para veres os teus netinhos correrem por esta sala.

MARCOS

Conheço o meu estado...

LINO

História...

MARCOS

Sabes tu, Lino, o que é para o homem um temor contínuo, que por toda a parte o persegue, que à noite o faz despertar banhado em suores frios, que no meio de parentes e amigos o traz sempre assustados e receoso e que o ameaça com a desonra?

LINO

Pois que vai?

MARCOS

Escuta-me amigo, devo descobrir-te um segredo e patentear-te assim a causa deste meu mal. Há mais de quarenta anos que nos conhecemos; foste testemunha de minha louca e desperdiçada mocidade... Rico sem parentes que me guiassem, vi-me cercado de amigos. Amigos!...

LINO

Tratantes...

MARCOS

Que pagavam-me com perniciosos exemplos e conselhos a fortuna que ajudavam desperdiçar.

LINO

Quimistas!

MARCOS

Tu eras a única exceção.

LINO

E por isso brigavas sempre comigo...

MARCOS

Mocidade!... Amei! Uma moça acendeu o meu peito violenta paixão. Não conhecia obstáculos aos meus desejos, e dirigi-me a casa do pai, a fim de pedir-lhe a mão daquela que me fazia louco. Foi-me negada. A minha má reputação era conhecida; assim devia ser.

Voltei para casa desatinado, revolvendo no pensamento milhares de projetos. Para desabafar-me, escrevi uma carta a Maurício, àquele que se dizia meu melhor e sincero amigo.

LINO

Oh, que grande patife!

MARCOS

Então não o conhecia eu... Foram estas as palavras da carta! "Meu amigo, ele negou-me a mão de Serafina, e suas desabridas palavras deixaram-me a cruel certeza que eu nunca a gozarei. Daria metade de minha fortuna para que este homem não existisse." Carta fatal! Criminoso pensamento!

LINO

Com efeito, não é dos mais cristãos...

MARCOS

Oito dias depois o pai de Serafina, quando entrava na porta de sua chácara, foi assassinado.

LINO

Bem me recordo! Mas ainda não se soube por quem.

MARCOS

Não adivinhas agora?

LINO

Maurício?

MARCOS

Sim, esse monstro!

LINO

Eu bem te dizia que esse tratante tinha nascido para força!

MARCOS

Interpretou as palavras que eu escrevi no delírio da paixão; realizou o pensamento que apenas vislumbrava na minha delirante imaginação... Amigo cruel!

LINO

Boa laia de amigo!

MARCOS

Baldadas foram as pesquisas da polícia.

LINO

Andou tudo em pandareco... Que de conjeturas se fizeram!

MARCOS

E eu tive a criminoso fraqueza de aproveitar-me deste crime tão atroz. Um ano depois eu estava casado com Serafina.

LINO

Lá disso não te culpo eu, porque enfim não foste tu que mataste o velho.

MARCOS

Três anos depois de casado morreu minha mulher, deixando-me dois filhos.

LINO

Coitadinha, tão boa senhora que era!

MARCOS

E que a vida tem sido a minha, deste então! Perseguido por esse homem infernal, que de amigo que se dizia tornou perseguidor, não encontro descanso. Senhor da carta que lhe eu escrevi, não cessa de ameaçar-me com a sua publicação, se de pronto eu não satisfizer os seus imoderados desejos. Metade de minha fortuna dizia eu que daria para que o pai de Serafina não existisse; mais da metade tenho dado a Maurício para que me entregue a carta fatal, mas o pérfido

zomba de mim, e novas exigências acompanham novas promessas. O que será de mim, se ele a publicar?

LINO

Não tenhas medo... Em primeiro lugar, porque ele não quererá também denunciar-te; em segundo, por ainda teres fortuna para lhe pagares a discricção. O tratante achou em ti uma mina de carço...

MARCOS

E quando eu tiver dado o último real, serei levado ao tribunal e arrastado à escada da forca, e meus filhos ficarão no mundo pobres e infamados! Eis o que me mata! Ainda dirás que me posso curar? O mal está aqui... (*Aponta para o coração*)

LINO

Isto é apreensão de mais... O homem não é capaz de denunciar-te.

MARCOS

Tu não o conheces! Amigo, apressemos esse casamento, porque eu devo morrer quanto antes para salvar meus filhos.

LINO

Isto é mais nervos que outra coisa! Eu já pedi ao meu médico que viesse hoje ver-te. É hidropata; talvez te cure.

MARCOS

Que me importam médicos homeopatas ou hidropatas! Não te vás embora, passa o dia conosco. Tenho ainda que falar-te. Rosinha? Vou descansar um pouco, sinto-me muito fraco.

LINO

Não queres o braço?

MARCOS

Não, obrigado, aí vem a menina. (*Entra Rosinha*) Ajuda-me. (*Apoiado no ombro de Rosinha sai*)

CENA IV

Lino, só.

LINO

Não deixa de ter razão, mas o caso não é para tanto abatimento. Talvez que o meu doutor o ponha bom. Eu tenho cá para mim que o seu médico assistente, o Dr. Cautério, é um charlatão, aprendeu no tempo antigo. Pobre velho! Estou que não caibo na pele... De hoje a oito estarei casadinho!

CENA V

Cautério e Lino.

CAUTÉRIO

Licença...

LINO

Oh, o Dr. Cautério! Como vai?

CAUTÉRIO

Como passa o nosso doente?

LINO

Anda muito apreensivo.

CAUTÉRIO

Mau é isso como o moral não podemos nós. Com licença. (*Assenta-se*) Estou cansadíssimo! Má vida, Sr. Lino, má vida é a do médico!

LINO

O doutor zomba; dizem que é das melhores...

CAUTÉRIO

Experimentem-na.

LINO

Nenhum capital e avultados lucros...

CAUTÉRIO

Sempre esta questão de dinheiro... Questão eterna!

LINO

E vital!

CAUTÉRIO

Não contam os incômodos, os dissabores e os desgostos por que passamos. E os calotes... Somos como criados do povo. Julgam-se todos com direito ao nosso saber, tão arduamente adquirido e tão pouco reconhecido! Não temos hora, dia nem descanso... Salva-se o doente, agradece-se à natureza; morre o doente, culpa-se o médico. Que recompensa a noites de estudos e de insônia! Em nossos braços morrem a esposa, o amigo, os filhos, sem que lhe possamos valer. A nossos pés se arrasta a deplorada família pedindo a vida para o seu pai, cabeça e arrimo, que todos os esforços da arte não puderam salvar. E essas cenas de angústia se reproduzem diariamente. Que vida! E invejam-na...

LINO

Esse é o único lado mau. E o bom?

CAUTÉRIO (*levantando-se*)

O único? E essa súcia de inovadores, magnetizadores, hidropatas e homeopatas com que lutamos todos os dias? (*Tira um jornal do comércio da algibeira*) Aqui estão nestas colunas as mais nojentas diatribes, os mais asquerosos insultos que esses charlatões cospem contra a nossa face.

LINO

Nunca gostei destas descomposturas...

CAUTÉRIO

E que homem sisudo pode gostar? Discuta-se, argumenta-se e apresentem-se razões, e sobretudo fatos; seja a contenda científica, que será proveitoso; mas assim como ela apareceu e aparecerá ainda entre nós é pernicioso. Essas personalidades infames indispõem os homens e não esclarecem os médicos.

LINO

Mas doutor, o senhor e os seus também têm culpa nisso!

CAUTÉRIO

Fomos os agredidos! Assim devia ser... Quando se não tem razão, responde-se com insultos. E aonde iriam buscar os homeopatas razões convincentes para oporem às nossas? Onde? Há sistema mais absurdo e ridículo do que a homeopatia? Onde as bases em que se firmar — *similia similibus curantur*? Absurdo contraria *contrariis curantur* — eis a verdade! Há nada mais natural e simples do que tratar o calor pelo frio, o seco pelo úmido, os humores pelos laxantes, a sua acridade pelo álcalis, etc. etc.? O contrário disto não tem o senso comum. A alopatia é o grande e verdadeiro sistema e... Mas, ai, que eu estou aqui a questionar e o doente está a minha espera! Com licença. (*Sai pela direita*)

CENA VI

LINO

Estes médicos são todos mais ou menos intolerantes. Cada um quer matar lá a seu modo, e brigam por isso como endemoninhados... Safa! De medicina só a hidropata; ao menos leva-se tudo à água fria, que se não faz bem, também não faz mal. (*Batem palmas à escada*)
Quem é?

AQUOSO (*dentro*)

Dá licença?

LINO

Oh, é o meu Dr. Aquoso! Pode entrar.

CENA VII

Aquoso e Lino. Aparece à porta Aquoso.

LINO

Sem cerimônia... (*Aquoso entra*) Já pedi ao amigo Marcos que o consultasse; está disposto a isto.

AQUOSO

Hei de pô-lo bom!

LINO

Homem, isso agora é presunção de mais! Pois se ainda não sabe que moléstia ele tem?

AQUOSO

Tenha o que tiver, a hidropatia faz milagres!

LINO (*à parte*)

Aí temos outro!

AQUOSO

Meu caro, Deus criou tanta água no mundo de balde.

Água fria e mais água fria é a grande panaceia universal. Água para tudo, em tudo, com tudo e por tudo — água por todas as partes... E salve-se a humanidade!

LINO (*rindo*)

Ah, ah, ah! Ó doutor, você devia trazer atrás de si uns poucos de ilhéus com carroças de água...

AQUOSO

Deixemos de zombaria. Onde está o doente? Quero arrancá-lo das garras da morte, isto é, das mãos de meus ignorantes colegas.

LINO

Espere, tenho de consultar-lhe sobre um negócio. Tenho um conselho que lhe pedir.

AQUOSO

Muito me lisonjeia.

LINO

Mas há de prometer-me falar com sinceridade.

AQUOSO

Com toda a sinceridade.

LINO

Dar-me-á o seu parecer nu e cru, sem temor de ofender-me?

AQUOSO

Eu o prometo.

LINO

Quero saber se faço bem em casar-me.

AQUOSO

Quem, vós?

LINO

Sim, eu mesmo em pessoa. Que pensa?

AQUOSO

Diga-me primeiro uma coisa...

LINO

O quê?

AQUOSO

Que idade tem?

LINO

Eu?

AQUOSO

Sim.

LINO

Não estou certo.

AQUOSO

O senhor tem pelo menos sessenta e oito anos.

LINO

Não há tal... E que os tenha? Os anos não valem nada. Ainda estou forte e bem conservado; não me troco por muitos moços.

AQUOSO

Meu amigo, falar-lhe-ei com franqueza, que assim exigiu de mim. Não se case. O homem de sua idade não deve fazer essa loucura; os inconvenientes são inumeráveis. Deixe-se disso, não se case...

LINO

Hei de me casar! E ninguém será capaz de persuadir-me do contrário. Por que não me hei de casar? Essa é boa! Estou resolvido e muito resolvido.

AQUOSO

Isto agora é outro caso... Case-se, amigo.

LINO

Já pedi a moça.

AQUOSO

Case-se, meu amigo; faz muito bem.

LINO

Ainda estou bem disposto.

AQUOSO

Pois não, case-se.

LINO

Tenho uma saúde robustíssima. Que importa a idade? Ainda tenho todos os meus dentes. (*Mostra os dentes*) O peito está perfeitíssimo... (*Tosse*) Que lhe parece? As pernas vigorosas; sou capaz de dançar a polca. (*Dança*) Se é loucura, estou resolvido a praticá-la.

AQUOSO

E terá muito juízo...

LINO

Então acha que eu faço bem?

AQUOSO

Oh, muito bem! Pois não, case-se, e quanto antes.

LINO

Um abraço! Muito me alegra que me dê esse conselho e que o meu amigo seja da minha opinião.

AQUOSO

Que idade tem a noiva?

LINO

Quinze anos!

AQUOSO

Ela tem quinze e o senhor tem sessen... Com a fortuna!

LINO

O que é?

AQUOSO

Nada, case-se, case-se.

(Sai pela direita, rindo-se)

CENA VIII

Lino, só e depois Miguel.

LINO

Esta minha união há de ser muito feliz. Todos riem-se quando eu falo nela; estou contentíssimo!

MIGUEL *(entrando)*

Meu pai o chama.

(Lino sai)

CENA IX

Miguel, só, e depois Miléssimo.

MIGUEL

Queres casar com minha irmã, gebo? Eu te mostrarei como isto há de ser...

MILÉSSIMO *(entrando)*

Miguel?

MIGUEL

Oh, por que não vieste mais cedo? Há uma hora que te espero.

MILÉSSIMO

Estive ocupado no Instituto Homeopático.

MIGUEL

Deixa-te de Instituto e dize...

MILÉSSIMO

Que eu deixe do Instituto! Meu amigo, a ciência homeopática marcha com passos de Briareu; Hahneman triunfa e Broussais leva o diabo.

MIGUEL

Tu principias...

MILÉSSIMO (*com entusiasmo*)

Os estúpidos e ignorantes alopatas já vão reconhecendo a nossa supremacia. Médicos carrascos, rotineiros, asnos enfim, que experimentam no mísero doente os seus infernais medicamentos, que misturam de um modo horroroso milhares de nojentas drogas em uma só receita; que furam, atassalham, queimam, martirizam e desgraçado paciente. Pobres doentes! Forte canalha! A homeopatia triunfa por toda a parte. Os esclarecidos soberanos a acolhem em seu estado com os braços abertos.

MIGUEL

Dá-me atenção!

MILÉSSIMO

Hamburgo, Francfort, Magdeburgo, Varsóvia, Moscou, Petersburgo, Dronstadt, Mannheim, Estrasburgo, Nápoles, Roma, Gênova, Londres e Paris, etc., ufanam-se de seguir os seus ditames. A homeopatia é o único e verdadeiro sistema médico. O próprio Hipócrates disse: "Vomitus curantur." O que é isto, senão homeopatia? O vitalismo é a base das mulheres doutrinas médicas. Bichat, Andral, Boerhaave, Paracelso, Cooper Astley, Chaussier, Thomassine, Dupuytren, o próprio Broussais foram homeopatas sem o saberem! (*Tira o lenço e enxuga o rosto*)

MIGUEL

Acabaste?

MILÉSSIMO (*continua com mais calor*)

Só foi dado a um homem, ao sublime Hahnemann, esclarecer o mundo!

MIGUEL

Ouve-me, com todos os diabos!

MILÉSSIMO (*continuando*)

Broussaisistas e broussaisistas levantam-se contra nós. Que importa?

MIGUEL

Ah, espera que te curo!

(*Falam ambos ao mesmo tempo*)

MILÉSSIMO

Não admiram-me esses ataques. Quando a nova doutrina aparece no mundo médico, os mais virulentos críticos a perseguem; mas a verdade segue avante.

MIGUEL

É realmente uma desgraça! Estes velhos são teimosos... E que remédio, senão fazer-lhes a vontade? Mas custa! Casar-se a minha pobre irmã, a minha querida Rosinha!

MILÉSSIMO (*deixando repentinamente de falar e dirigindo-se para Miguel*)

Rosinha? O que há de novo?

MIGUEL (*continua, sem dar atenção a Miléssimo*)

Que casamento tão desproporcionado! Com um velho!

MILÉSSIMO

Falas de tua irmã?

MIGUEL (*no mesmo*)

Mas enfim, quando um pai exige, que remédio!

MILÉSSIMO

Responde-me, com os diabos!

MIGUEL (*no mesmo*)

Os filhos devem obediência ao pai. Quando manda, cumpre-se. De hoje a oito dias está casada.

MILÉSSIMO (*sacudindo-o pelo braço*)

O que é isso de oito dias? Não me responderá?

MIGUEL

Oh, falava comigo? Não sabia.

MILÉSSIMO

Que casamento é esse? Com quem? Quando? Como se resolveu? Depressa!

MIGUEL

Oh, já me dás atenção?

MILÉSSIMO

Olha que te esgano! (*Quer-lhe agarrar no pescoço*)

MIGUEL

Chega-te para lá! Desde que entraste, esforço-me para te participar esta repentina resolução de meu pai, e tu a quebrares-me a cabeça com a maldita homeopatia.

MILÉSSIMO

Maldita?

MIGUEL

Ai, pior! Se continuas a atrapalhar-me, largo tudo de mão e deixo-te entregue a ti mesmo! E a mana Rosinha casar-se-á com o velho Lino.

MILÉSSIMO

Com o Lino?

MIGUEL

Meu pai assim o quer; mas eu digo-te que ela se há de casar contigo. Sou teu amigo, e os amigos conhecem-se nas ocasiões. O meu plano está traçado; Rosinha já está dele informada. A ti nada digo, porque botarias tudo a perder com a tua homeopatia. Basta que estejas informado do ocorrido. Já falei a meu pai para te ouvir sobre a sua moléstia. Ganha a sua confiança. Receita, dá-lhe glóbulos e tinturas mas não o mates.

MILÉSSIMO

A homeopatia não mata, a homeopatia...

MIGUEL

És incorrigível! Adeus, que vou ao quartel. Podes entrar quando quiseres. Até já. Atenção! (*Sai*)

CENA X

Milésimo e depois Rosinha.

MILÉSSIMO (*só*)

Isto está mau! Se o velho teimar, por mais que o Miguel faça, nada conseguirá. Maldito Lino! Agora é que eu desejava ser médico alopata, para te mandar desta para melhor vida! Entremos. (*Vai a entrar e aparece Rosinha*) Rosinha, estou desesperado!

ROSINHA

Já sabe?

MILÉSSIMO

Teu mano tudo contou-me.

ROSINHA

Não desanime ainda!

MILÉSSIMO

Eu temo...

ROSINHA

O mano Miguel já combinou comigo.

MILÉSSIMO

E que pretendem vocês fazerem? *(Aqui aparece à porta Lino)*

LINO *(à parte)*

Olá! *(Para, a fim de observar. Rosinha, que o vê, continua a falar com Miléssimo como se estivessem sós)*

ROSINHA *(à parte)*

Beije a minha mão.

MILÉSSIMO

Eu?

ROSINHA *(à parte)*

Beije minha mão, depressa!

(Miléssimo beija a mão de Rosinha. Lino dá um pulo de surpresa)

LINO *(à parte)*

Hum! *(Arrepelando-se)*

ROSINHA *(à parte, para Miléssimo)*

Ajoelhe-se... *(Miléssimo ajoelha-se)* Beije... Mais... *(Miléssimo beija-lhe a mão)*

LINO *(à parte)*

Hum!

ROSINHA *(alto, para que Lino a ouça)*

Bem sabes quanto te amei e ainda te amo, mas devo obedecer a meu pai. Sou filha obediente, casar-me-ei com o senhor Lino.

MILÉSSIMO

Pois isso é de veras?

ROSINHA

Mas que importa que eu dê a minha mão a esse homem?

MILÉSSIMO (*sempre de joelhos*)

O que importa?

ROSINHA

Que o acompanhe ao altar? Serei sua mulher, preencherei os deveres de esposa fiel, mas o meu coração será sempre teu.

LINO (*à parte*)

Hum!

MILÉSSIMO

Mas isto não me basta!

ROSINHA (*continuando*)

E demais, conto com a sua avançada idade. Ele é velho, pouco pode viver. Ao depois nos uniremos.

MILÉSSIMO

Não é isto o que me prometeste?

LINO

Hum! (*Batendo com os pés*)

ROSINHA (*fingindo que vê Lino pela primeira vez*)

Ah, está aí meu futuro...

(*Miléssimo levanta-se*)

LINO (*à parte*)

Futuro espantinho...

ROSINHA

Chegue-se para cá.

MILÉSSIMO (*à parte, para Rosinha*)
Zomba!

ROSINHA
Tenho a satisfação de apresentar-lhe o Sr. Lino das Mercês, meu futuro esposo.

MILÉSSIMO
Oh, Senhor, tenho muito prazer em o conhecer... (*Cumprimentam-se a parte, para Rosinha*) Mas...

ROSINHA
É pessoa muito de bem e condescendente; conhece a pureza do nosso amor e não estranhará que continuemos a amarmo-nos.

MILÉSSIMO
Oh, senhor, tanta bondade! (*Cumprimentam-se. Lino já não pode dar palavra, surpreendido pelo que ouve, e só se lhe nota no semblante extrema surpresa. Miléssimo, tomando Rosinha à parte*) Acabemos com isto, senão despropósito!

ROSINHA
Se despropositas, tudo se perde.

MILÉSSIMO
Então casa-te com ele?

ROSINHA
Não.

MILÉSSIMO
Mas que...

ROSINHA
É o plano combinado com o mano Miguel.

MILÉSSIMO

Ah, por que não me preveniste? (*Rindo-se*) Ah, ah, ah! Meu amigo, (*Encaminha-se para Lino, que recua*) aperte-me esta mão. (*Segue a Lino até junto ao bastidor, toma-lhe a mão e sacode com força*) Sejam amigos! (*Trazendo para o meio da cena*) Sua futura é uma pérola... Dê-me um abraço! (*Abraça-o com força*) Que ventura, ter tão amável mulher e tão verdadeiro amigo! Outro abraço! (*Abraça-o*) Somos ambos felizes, muito felizes! (*Chega-se para Rosinha, ajoelha-se*) Permita que eu toque com os meus lábios e esta nevada mão. (*Beija-lhe a mão e levanta-se*) Adeus, meu caro e íntimo amigo, vou ver o doente. (*Sai pela direita. Lino vê tudo, estupefato*)

CENA XI

Rosinha e Lino.

ROSINHA

A severidade de meu pai tem-me trazido em abominável sujeição. Há muito tempo que me desesperava a pouca liberdade que tenho, e mil vezes tenho desejado casar-me para fazer a minha vontade. Graças a Deus, felizmente apareceste, e eu vou recobrar o tempo perdido! Seremos ditosos! Em bailes, partidas, teatros, jantares esplendidos, passeios campestres passaremos a vida. Ainda não gozei do mundo — sempre em casa, fechada com meu pai! Venha agora a desforra! A teu lado serei a mais feliz das mulheres. Daremos uma partida todas as semanas, convidaremos os nossos amigos, teremos carruagem, carrinhos e caleças para passearmos, chácaras para passarmos os domingos, camarotes para ambas as companhias — Italiana e dramaturgica, criados, damas de companhia, esplêndidos aparelhos, casa suntuosa — enfim, passaremos vida de bem-aventurados! Estarás sempre a meu lado, e quando os teus achaques — perdoe-me, se já te falo com esta familiaridade —, quando os teus achaques da velhice te prenderem em casa, aí está o teu novo amigo para acompanhar-me ao passeio e ao teatro; para fazer as tuas vezes nos jantares que dermos... Tu o receberás com candura... Em nossa mesa haverá sempre um talher posto para ele. Que ventura a minha! Como tarda o dia da nossa

feliz união! Adeus, esposo, até logo. (*Sai pela direita. Lino fica por alguns instantes sem dar palavra, olhando para a porta por onde saiu Rosinha*)

LINO

E então? (*Momento de silêncio*) Já não me quero casar. Estou muito velho, não posso com isso. Vou desmanchá-lo. Mas como? E o meu amigo? E minha palavra? Em boa estou metido! Oh, que menina, oh, que pérola! Nada, nada, estas coisas não são para mim... Não posso, estou muito velho... Vou-me aconselhar com o Dr. Aquoso, ele aí vem!

CENA XII

Entra o Dr. Aquoso, desesperado sem ver Lino.

AQUOSO

São uns ignorantes, ignorantíssimos, corja de coveiros!

LINO (*à parte*)

Que diabo tem ele?

AQUOSO (*no mesmo*)

Sustentarei até o último alento que não há no mundo bestas mais bestas do que vós meus caríssimos colegas!

LINO (*à parte*)

Ai, que brigaram!

AQUOSO (*no mesmo*)

Querem curar assim? Babau! Assassinos de profissão, de borla e capelo... Desgraçados dos que se entregam em suas mãos! Receitem, matem, que darão contas a Deus.

LINO

O homem está bravo! Doutor?

AQUOSO (*no mesmo*)
Que absurdos, que burrices!

LINO
Doutor, ouça-me... (*Tomando-o pelo braço*)

AQUOSO
Oh, o que quer?

LINO
Queria que me desse um parecer...

AQUOSO (*voltando-se para a porta por onde saiu*)
Estais em vosso juízo? Sabeis bem o que fazeis?

LINO
Eu vos...

AQUOSO
E que responsabilidade pesa sobre vós?

LINO
Faça-me o obséquio...

AQUOSO
Assim se mata um homem, de sangue frio...

LINO
Não me deixará falar, homem?

AQUOSO
E abusa-se da ciência?

LINO (*tomando-o pelo braço*)
O que é isto doutor, ofenderam-no?

AQUOSO

Oh, de uma maneira horrorosa! Ousarem argumentar comigo e sustentarem que a água fria não é remédio eficaz para curar todas as moléstias!

LINO

Isto é uma blasfêmia!

AQUOSO

Blasfêmia horrível! Quero ver o que fazem os cáusticos, as bichas, as ventosas e todo esse aparelho infernal...

LINO (*à parte*)

É preciso ir com ele... (*Alto*) É verdade, quero ver o que fazem.

AQUOSO

Ou essas tinturas e ninharias homeopáticas!

LINO (*voltando-se para a porta*)

Ignorantes!

AQUOSO (*votando-se para a porta*)

Burros!

LINO (*no mesmo, enquanto Aquoso passeia pela sala*)

Sois muito atrevidos em quererem argumentar com um homem como o doutor, de tão abalizados conhecimentos! É imprudência e desaforo. Deveríeis ouvir contritos as suas opiniões e segui-las à risca, mas o orgulho vos perde e a ignorância vos sustenta. (*Aqui Aquoso sai sem que Lino dê fé*) Longa experiência tem-lhe demonstrado que água fria é o remédio universal — o mais é absurdo e ridículo. Só a estupidez pode seguir outro trilho, loucos, malvados, assassinos! Doutor, estais vingado! (*Voltando-se para a cena*) Agora, ouça-me. Que é dele? Foi-se! e esta! E eu a esgoelar-me... Isto hoje vai bem! E a menina e a sua arenga, que não me saem da cabeça... Ao amigo Marcos não ousou dizer nada. Boa lembrança, vou empenhar-me com o Dr. Cautério a ver se ele desmancha honradamente este casamento que já se me atravessou na garganta.

Vamos, falemos ao doutor. (*Vai a sair pela direita e é abordado pelo Dr. Cautério, que entra com impetuosidade*) Doutor? (*Cautério, sem dizer palavra, endireita-se para a porta do fundo*) Doutor? Doutor? (*Cautério sai*) Lá vai outro com o diabo nas tripas. Desta salva-se, ou morre o doente... E eu sem decidir coisa nenhuma. O remédio é entender-me com o meu novo e sincero amigo... Safa com tal sinceridade! Que pérola!... (*Vai para sair*)

CENA XIII

Miléssimo entra arrebatadamente.

MILÉSSIMO

Seria esquecer-me de todos os preceitos de humanidade, se o deixasse entregue a esses algozes.

LINO

Doutor, faz o obséquio...

MILÉSSIMO

Ver assim assassinar a um homem! Que assassinado morrerá ele, se isto continua.

LINO

Parece que se ajustaram!

MILÉSSIMO

Onde está o senso comum desta gente? Que fazem da inteligência? Inteligência? Essa não a têm eles, que se a tivessem abandonariam a horrível prática que seguem.

(Aqui entra pelo fundo um pajem com uma carta na mão e sai pela direita)

LINO (*à parte*)

Este também está doido... Não arranjo nada. (*Vai a sair pela direita; Miléssimo trava-lhe o braço*)

MILÉSSIMO

Diga-me, meu caro, o senhor é amigo verdadeiro do dono desta casa?

LINO

Prezo-me de o ser.

MILÉSSIMO

Pois previno-o que ele vai ser vítima do mais horrísono atentado.

LINO

Um atentado? Explique-se...

MILÉSSIMO

Matam-no hoje mesmo.

LINO

Matam-no? E quem?

MILÉSSIMO

O Dr. Cautério, esse infernal alopata, esse...

LINO (*rindo-se*)

Ah, ah, ah!

MILÉSSIMO

O senhor ri, se o caso é de morte!

LINO

Doutor, nós os conhecemos e muito bem avaliamos a amizade que há entre os senhores médicos.

MILÉSSIMO

Engana-se! Não fala em mim o espírito de sistema. À cabeceira do doente, só trato de salvá-lo. Abandono controvérsia e animosidade. Por isso digo-lhe com íntima convicção que o Sr. Marcos pode-se contar como defunto, se continuar a tratar-se, como acaba de

assegurar-me, com o Dr. Cautério, com esse estúpido e ignorantíssimo alveitar. Meu amigo, peço-lhe um favor. Eu vou a casa buscar a minha botica homeopática, quero preparar aqui mesmo uma tintura para o nosso amigo e doente. No entretanto, resolva-o a abandonar o seu assassino.

LINO

Mas...

MILÉSSIMO

Resolva-o, meu amigo, resolva-o, que eu já volto. Asnos, estúpidos!
(*Sai*)

CENA XIV

Lino, só, e depois Marcos.

LINO

E que tal? Não sei se os doutores homeopáticos são alguma coisa em medicina, mas em descompostura posso afiançar que são insignes. Que gente! E atrapalharam... E o diabo da menina não me sai da cabeça! Nada, o melhor é decidir a falar ao amigo Marcos... Coragem!

(Vai a entrar e entra Marcos como alucinado. Traz uma carta na mão)

MARCOS (*entrando*)

Estou perdido, perdido!

LINO (*à parte*)

Também ele...

MARCOS

Desgraçado de mim!

LINO (*seguindo*)

O que é? O que aconteceu?

MARCOS

Que farei?

LINO

Mas o que foi?

MARCOS

Lê esta carta; desse maldito homem que será a causa de minha perdição. (*Dá-lhe a carta*)

LINO (*lendo*)

"Caríssimo amigo, não sei como isto acontece. O dinheiro em minha mão voa, e cada vez tenho mais necessidade dele... Manda-me dinheiro — bastam-me dois contos. Senão... Entendes-me?"

MARCOS

Desgraçadamente... Continua...

LINO (*continuando a ler*)

"Esquecia-me dizer-te uma coisa. Antes de ontem vi tua filha à janela. Gostei dela e quero que seja minha mulher. Arranja isto de modo que dentro de oito dias esteja tudo concluído; ando incomodado e não quero morrer sem mulher. Trata do dote, mas vê lá o que fazes — quero que seja avultado. Só assim te entregarei aquela cartinha que me escreveste há dezesseis anos... Bem sabes, se tiveres a petulância de negares o que eu peço, vai tudo com os diabos, e terei a satisfação de te ver dançar na força a meu lado. Adeus. Medita e responde. Teu do coração, Maurício."

MARCOS

Quem me salva, quem me salva?

LINO

Prudência, e pensemos.

MARCOS

Meu Deus!

LINO

Lamentações para o lado, e vejamos o meio de remediar isto.

MARCOS

Não há meios que valham!

LINO

Manda-lhe o dinheiro...

MARCOS

E mais exigirá, e mais, e sempre mais, e por fim minha filha!

LINO

Vou falar-lhe...

MARCOS

Nada conseguirás.

LINO

O caso é de atrapalhar...

MARCOS

Desgraçado! Meus queridos filhos! Que eu viva assim!...

LINO

Ocorre-me uma ideia. Já viste representar-se Catarina Howard?

MARCOS

A ocasião é boa para zombares!

LINO

Quem zomba? Já viste também Julieta e Romeu?

MARCOS

Lino!

LINO

Escuta. Catarina vê-se atrapalhada pelo rei, finge-se morta; Julieta, embaraçada com o pai que a quer obrigar a casar contra sua vontade, também finge-se morta... Faze tu outro tanto.

MARCOS

Mas quem...

LINO

Vai para dentro, comunica a tua filha este nosso plano veste o teu hábito de irmão terceiro e deita-te na cama, e morre.

MARCOS

Morre!...

LINO

Faze de conta. Logo que fores defunto, principiará em casa a choradeira e lamentações. Chamam-se os armadores para armar a porta da rua; a notícia espalha-se pela cidade e entretanto eu corro a casa do tal patife, que já informado de tua morte — as más notícias voam — se acomodará mediante alguma pequena vantagem. Que te parece a lembrança?

MARCOS

E julgas que assim ele se acomodará?

LINO

E que remédio terá ele? De que valor lhe ficará sendo a tua cartinha, logo que estejas morto? E sobre o temor que tens da morte que ele especula.

MARCOS

E o que é preciso fazer?

LINO

O que eu já te disse. (*Empurrando para dentro*) Vai para dentro, vai, veste o hábito e deita-te... E morre... Anda, vai morrer. (*Marcos sai*) Se eu não fosse seu verdadeiro amigo, deixava-o entregue a si mesmo e descartava-me assim da filha, mas isto seria infame. Veremos o efeito que faz a sua morte. No que dará tudo isto? O dia hoje vai bem. Excelente, pois não?

CENA XV

AQUOSO (*faz semblante de sair. Diz para os pretos*)
Acompanhem-me.

LINO (*retendo-o*)
Espera! Não sabe o que lhe aconteceu?

AQUOSO
Acontecesse o que acontecesse, hei de salvá-lo!

(*Aqui entra o Dr. Miléssimo, trazendo debaixo de braço uma botica homeopática*)

MILÉSSIMO
Eu que hei de salvá-lo!

AQUOSO
Quem? O senhor?

MILÉSSIMO
Eu sim? Eu mesmo, com uns glóbulos que vou administrar-lhe.

AQUOSO
Desta me rio eu! Ah, ah, ah!

MILÉSSIMO
De que se ri?

LINO

Senhores, muito me penaliza participar-lhes que o meu amigo Marcos...

MILÉSSIMO

Espera, isto ao depois! Quero primeiro que o senhor doutor Aquário diga-me por que se ri dos meus glóbulos!

AQUOSO (*rindo-se*)

Tratar um doente com glóbulos... Ah, ah!

MILÉSSIMO

Doutor!

LINO

Senhores, eu...

MILÉSSIMO (*vendo os negros de barris, desata a rir*)

Ah, ah! Aquilo é água fria?

AQUOSO

É!

MILÉSSIMO

Tratar um doente com água fria! Ah, ah!

LINO

Um só momento de atenção, quero participar-lhes...

MILÉSSIMO (*rindo-se*)

Logo dois barris! O doente pegou fogo? Ah, ha!

(*Os dois riem-se, dizendo, um "glóbulo" e outro água fria*)

LINO (*enquanto dos dois riem-se*)

E então? Quando os médicos se ajuntam, ou brigam ou escarnecem-se.

(Aqui entra o Dr. Cautério, seguido de um moço que traz um grande vidro com bichas)

CAUTÉRIO *(entrando)*
Já aqui estão?

LINO
Doutor?

(Vai para junto dele, ficando Lino e Cautério ao fundo, e Miléssimo e Aquoso à frente, rindo-se sempre)

CAUTÉRIO *(para Lino)*
De que se riem?

LINO
Asneira.

CAUTÉRIO
Deixá-los! Vou aplicar estas bichas.

MILÉSSIMO
Bichas? *(Voltando-se e vendo o Dr. Cautério)* Oh, por cá? O que é isto de bichas? Quem falou em bichas?

CAUTÉRIO
Eu!

MILÉSSIMO
Bichas!

LINO *(à parte)*
Temos bulha!

CAUTÉRIO

Senhores! Curem os médicos, qualquer que seja o sistema que julgarem convenientes.

MILÉSSIMO

E quem são os que matam?

OS TRÊS *(ao mesmo tempo, apontando cada um para os outros dois)*
Os senhores!

LINO

Olá!

OS TRÊS *(no mesmo)*
Os senhores insultam-me!

LINO

Basta! Toda esta contenda se acabará quando souberem que o doente...

MILÉSSIMO

Há de ser curado por mim! *(Pega na botica que deixou sobre a mesa)*

AQUOSO

Há de ser por mim! *(Para os negros)* Tragam a água. *(Encaminha-se para a porta da direita)*

CAUTÉRIO

Há de ser por mim! *(Para o moço)* Traz as bichas.

(Os três médicos chegam ao mesmo tempo à porta da direita. Nesse momento entra Rosinha, chorando)

CENA XVI

ROSINHA *(entrando)*

Que desgraça, que desgraça!

CAUTÉRIO

O que aconteceu?

MILÉSSIMO

O que foi?

ROSINHA

Que infortúnio é o meu! (*Assenta-se junto à mesa*)

AQUOSO

Seu pai?

ROSINHA

Expirou neste momento.

TODOS

Morreu!

LINO (*com exclamação*)

Meu amigo! (*Sai pela direita*)

AQUOSO

ASSIM devia ser...

MILÉSSIMO

Se foi tratado pelo Sr. Dr. Cautério!...

(*Cautério está como penalizado pela notícia*)

AQUOSO

Sangue e mais sangue tirado!

MILÉSSIMO

Cáusticos e mais cáusticos!...

AQUOSO

À extrema fraqueza segue-se a morte...

MILÉSSIMO

Após o martírio vem a morte...

AQUOSO (*para Cautério*)

Colega, mataste o doente!

MILÉSSIMO

Colega, assassinaste ao homem!

CAUTÉRIO

Deixem-me!

AQUOSO

Não lhe dizia que o tratamento seguido daria com ele na tumba?

Aí está!

MILÉSSIMO

E que a infernais drogas o enviariam *ad patres*?...

AQUOSO

Não quis ouvir-me...

MILÉSSIMO

Ateimou em suas aplicações...

CAUTÉRIO

Ai, que se vão-me as orelhas esquentando!

ROSINHA

Meu infeliz pai!

LINO (*entrando*)

Já está frio!

CAUTÉRIO

Vou vê-lo.

LINO (*retendo-o*)

Aonde vais? Já não o pode valer.

MILÉSSIMO

Não lhe valeu em vida; agora depois de morto, é que quer curá-lo.
Para que o matou?

ROSINHA

Meu pai!

(Lino chega-se para ela, como consolando-a)

CAUTÉRIO (*chega-se para Miléssimo e Aquoso, arrebatado*)

Os senhores terão a bondade de não me darem nem mais uma palavra!

MILÉSSIMO

E se eu der?

AQUOSO

E se eu me não calar?

CAUTÉRIO

Previno-os que a paciência tem limites...

MILÉSSIMO

O assassinato também tem limites, e no entanto todo dia assassinam-se homens com a maldita alopatia.

CAUTÉRIO

Senhor!

AQUOSO

Se só usassem de água fria...

MILÉSSIMO

Vá-se você também ao diabo com a sua água fria!

AQUOSO

Vá ele, não seja tolo!

(Aqui entre Miguel. Lino, vendo-o entrar, dirige-se para ele; falam em segredo. Lino, surpreso pelo que lhe diz Miguel, chega-se para Rosinha, fala com ela e saem todos os três apressados pela direita. Os três médicos ficam em cena questionando, sem verem os que saem)

MILÉSSIMO

Tolo?

CAUTÉRIO

Mais do que tolo é ele: é atrevido!

MILÉSSIMO

Atrevido?

AQUOSO

E ignorante... Com os seus glóbulos!...

CAUTÉRIO

E Charlatão!

MILÉSSIMO

E tu, com os teus cáusticos bichas, e tu, com a água fria? Burros!

AQUOSO

Burro é ele, que mata os doentes a coices.

CAUTÉRIO

Se o doente estivesse nas tuas mãos, já há muito que tinha espichado a canela.

MILÉSSIMO

Havia salvá-lo! Tu é que o mataste, carrasco e esfola-burros!

CAUTÉRIO

Patife!

MILÉSSIMO (*segurando Cautério pela casaca*)

Quem é patife? Tratante!

CAUTÉRIO

Tire as mãos, sô alveitar!

AQUOSO

Largue o outro e fale comigo, sô beladona!

MILÉSSIMO

Hei de te ensinar a ti e a este toleirão!

AQUOSO (*segurando Miléssimo pela casaca*)

Quem é toleirão?

MILÉSSIMO

Tu!

(Miléssimo dá uma bofetada em Aquoso; Cautério dá outra em Miléssimo. Principiava entre os três uma luta de pancadas e descomposturas as libitum)

CENA XVIII

Marcos, vestido de hábito de terceiro Santo Antônio, aparece a porta, seguido de Lino, Miguel e Rosinha.

MARCOS (*entrando*)

Estou salvo!

(Os três médicos espantam-se vendo Marcos)

OS TRÊS
O defunto!

(Recuam espavoridos para a extremidade esquerda do teatro, os dois negros e o moço das bichas deitam a correr pela porta afora)

MARCOS
Estou salvo!

OS TRÊS
Ressuscitou!

MARCOS *(para os médicos)*
Meus amigos, alegrem-se comigo.

OS TRÊS
Não fui eu que matei, foi aqui o meu colega.

(Empurram um para diante do outro)

MARCOS *(chegando-se para eles)*
Que temor é esse?

OS TRÊS
Ai!

LINO
Doutores, olhem que o homem está vivo.

OS TRÊS
Vivo?

MARCOS

E bom de todo.

AQUOSO

Pois não morreu?

MARCOS

Não me vê?

CAUTÉRIO (*para Lino*)

Que gracejo foi este, senhor?

MARCOS

Doutor, não se altere. Uma causa moral trazia-me acabrunhado e em breve me levaria a sepultura. Um homem existia cuja vida era o meu tormento; mas graças a Deus essa causa moral desvaneceu-se e esse homem deixou de existir. O senhor Maurício morreu, e eu estou salvo!

MILÉSSIMO

O senhor Maurício morreu?

MIGUEL

Há uma hora.

MILÉSSIMO

Morreu? Não é possível!

CAUTÉRIO (*rindo*)

Ah, ah, ah!

MARCOS

De que se ri?

CAUTÉRIO

O médico do senhor Mauricio, aquele que o tratava nessa pequena indisposição de que morreu, é ali o Sr. Dr. Miléssimo...

MARCOS (*corre para Miléssimo e o abraça*)

Meu amigo, quanto lhe devo!

CAUTÉRIO

Tratou-o homeopaticamente... Ah, ah, ah!

MARCOS

O senhor foi quem o matou?

CAUTÉRIO

Foi ele, sim. Ah, ah!

AQUOSO

Foram os seus glóbulos... Ah, ah!

MARCOS

Meu salvador, exigi de mim o que quiserdes. Tudo vos darei.

MILÉSSIMO

Senhor...

MARCOS

Como vos hei de eu recompensar este tão insigne serviço, como agradecer-vos?

LINO

Só de um modo...

MARCOS

E qual é ele?

LINO

O senhor doutor Miléssimo, matando o senhor Maurício, salvou-te a vida; e este serviço não há ouro que pague. Assim, dá-lhe a mão de tua filha.

MILÉSSIMO

Oh!

MARCOS

A mão de minha filha?

LINO

Só assim te desobrigarás. (*À parte*)... E eu me verei livre dela.

MILÉSSIMO

Assim também penso eu...

MARCOS (*para Lino*)

Mas tu desistes?

LINO

Sacrifico-me à amizade e à gratidão.

MARCOS

E tu, filha?

ROSINHA

O que posso eu hoje negar a meu pai?

MARCOS

Vem cá. (*Para Miléssimo*) — Aqui está minha filha. É a maior recompensa que lhe posso dar. Sou grato; só uma coisa lhe peço, e é que não há de curar em minha casa. O Doutor (*Volta-se para Cautério*) Continuará a ser o meu médico; com ele me entendo eu. Está por isso?

MILÉSSIMO

O que não farei eu para agradá-lo?

MARCOS

Excelentemente. Amigo, Miguel, um abraço.

(*Abraçam-se formando um grupo*)

CAUTÉRIO (*para Miléssimo*)

Colega, de hoje em diante acreditarei no vosso sistema, porque já vi um homeopata ressuscitar a um morto fazendo uma morte... Ah, ah, ah!

AQUOSO

Ah, ah, ah!

MILÉSSIMO

Colegas, toda a cura é boa, quando a paga é igual a esta. (*Mostra Rosinha*)

LINO (*para Aquoso*)

Doutor, preciso de meia dúzia de clisteres de água fria para não me meter em outra...

MILÉSSIMO

Feliz de mim! E viva a homeopatia!

TODOS (*rindo-se*)

Viva a homeopatia!



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com